

Empresários defendem acordo de livre comércio com os EUA

Governo deve priorizar medidas de facilitação dos negócios e harmonização de regras

A negociação de um acordo de livre comércio com os Estados Unidos é uma “aspiração” do governo brasileiro, ainda que não faça parte da agenda que a presidente Dilma Rousseff iniciou ontem no país, afirmou o ministro do Desenvolvimento, Armando Monteiro. A obtenção de um tratado desse tipo foi uma das principais reivindicações apresentadas ontem em Nova Iorque à presidente por representantes de 25 grandes empresas brasileiras com investimentos no mercado norte-americano. O objetivo do encontro liderado por Dilma foi conversar com os empresários sobre formas de ampliar as relações com os Estados Unidos e os investimentos.

Monteiro disse que o Brasil quer se integrar de maneira “mais efetiva” à rede de acordos internacionais. “O canal do comércio exterior é muito importante neste momento. É uma prioridade irrecusável.” No primeiro mandato de Dilma, o País ficou à margem do movimento de formação de novos blocos econômicos, dando preferência ao Mercosul. Com o fim do boom das commodities, o esgotamento fiscal e a paralisia da economia doméstica, o governo agora olha para o restante do mundo em busca de novas fontes de crescimento. Com o maior PIB do mundo e uma forte demanda por produtos industrializados, os Estados Unidos seriam um candidato natural nesse processo.

Outra demanda do setor privado apresentada ontem à presidente foi um acordo de bitributação com os EUA, que evitaria a duplicação no pagamento de impostos por empresas norte-americanas com investimentos no Brasil e vice-versa. O interesse em um tratado do tipo aumentou nos últimos anos em razão da expansão da presença de companhias brasileiras nos EUA.

“Começar a conversa sobre livre comércio entre Brasil e Estados Unidos e bitributação foram os temas apresentados (à



Dilma se reuniu ontem em Nova Iorque com representantes de 25 companhias brasileiras

presidente)”, disse Wesley Batista, presidente da JBS, a maior processadora de carnes do mundo, com forte presença no mercado americano. “Isso interessa a todo mundo.”

Segundo o ministro do Desenvolvimento, “enquanto não constrói um acordo amplo” com os EUA, o Brasil dará prioridade a medidas de facilitação do comércio, o que abrange harmonização de regras, redução de barreiras não tarifárias e padronização de procedimentos alfandegários.

Na estimativa do governo brasileiro, essas mudanças poderiam aumentar em 10% o comércio bilateral, que somou US\$ 62 bilhões no ano passado. O valor é bem inferior aos embarques de US\$ 534 bilhões entre os EUA e o México, parceiros no Acordo de Livre Comércio da América do Norte. “O acordo é uma aspiração, é o que se coloca no horizonte”, disse Monteiro, em relação a uma eventual negociação com os EUA. “Mas não temos ainda essa perspectiva no curto prazo.” O ministro res-

saltou que 75% das vendas brasileiras para o mercado americano são de bens industrializados, com maior valor agregado.

Na quinta-feira passada, Ben Rhodes, do Conselho de Segurança Nacional da Casa Branca, disse que o objetivo dos Estados Unidos no comércio internacional é concluir a Parceria Transpacífica (TPP). O bloco reúne 12 países do Pacífico, entre os quais Chile, México, Peru e Colômbia. Obama obteve uma importante vitória na semana passada para avançar a negociação, com a aprovação pelo Congresso do fast track. Esse instrumento permite que o presidente feche o acordo sem o risco de ele ser modificado pelos parlamentares, que só poderão aprová-lo ou rejeitá-lo em bloco.

A presidente dedicará a manhã de hoje a encontros com pesos-pesados dos setores produtivo e financeiro americanos, entre eles o ex-secretário do Tesouro americano Tim Geithner e o conselheiro do Citigroup William Rhodes.


Liberação da carne in natura será marco histórico, diz JBS

A liberação do mercado dos Estados Unidos para a carne in natura do Brasil, que pode ser anunciada nos próximos dias pelo presidente Barack Obama, deve ter impacto “espetacular” e será um “marco histórico” para a pecuária brasileira, afirmou o presidente da JBS, Wesley Batista, ontem, logo após participar de reunião com a presidente Dilma Rousseff em Nova Iorque e com empresários brasileiros.

“Estamos superotimistas com o possível anúncio do presidente Obama. Acho que sai. O impacto é espetacular”, disse Batista a jornalistas. Ele citou em sua fala para Dilma que o anúncio deve ser “um marco histórico para a pecuária brasileira”. Os EUA, destacou o presidente da JBS, são um dos maiores importadores de carne do mundo. A liberação das importações da carne in natura pelos EUA também é vista como um selo de qualidade para a carne brasileira no mundo, o que deve gerar impacto positivo para as vendas do produto para outros países, sobretudo da Ásia.

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy – que chegou a ser internado na sexta-feira, com dores do peito –, chegou no final do encontro entre a presidente e empresários. “Se falou mais das oportunidades entre Brasil e os Estados Unidos, que é o motivo da viagem. Foi pouco citada a questão interna no Brasil; nem era o propósito da reunião. Alguns setores levantaram a questão do impacto do ajuste fiscal, da desoneração”, contou Batista, quando questionado se os problemas políticos e econômicos brasileiros foram mencionados.

Questionado sobre as razões de os índices de confiança dos empresários brasileiros estarem em nível baixo, Batista avalia que a situação “já esteve pior e está melhorando”. “Se a gente olhar para trás, teve momento mais pessimista do que hoje. As coisas são um processo; todo ajuste não é fácil”, disse. “O Brasil passa por momento de baixo crescimento, inflação incomodando, o Ministério da Fazenda num trabalho árduo para rebalancear as contas do governo”, acrescentou o presidente da JBS.




SANGRIA DE CAIXA EFICIENTE. A SAQUE E PAGUE TEM.

A Rede Saque e Pague oferece um serviço exclusivo para o varejo, otimizando o processo de gestão de numerário do estabelecimento comercial.

- O terminal faz a sangria do caixa, conta, valida e deposita o valor em tempo real.
- Depósito de até 200 notas de uma só vez, sem envelope.
- Incrementa o fluxo de clientes para utilização de serviços no terminal.
- Diminui o manuseio de numerário na loja, otimizando o trabalho da tesouraria.
- A Saque e Pague cuida do terminal, você não precisa acionar a transportadora de valores.

Cartões e bancos parceiros



(51) 4020-2925 - www.saqueeapague.com.br
comercial@saqueeapague.com.br

saque e pague